

COORDENAÇÃO

GONÇALO DE VASCONCELOS E SOUSA

# II CONGRESSO O PORTO ROMÂNTICO

ACTAS



CATÓLICA  
CITAR · CENTRO DE INVESTIGAÇÃO  
EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA DAS ARTES



PORTO





**CATOLICA**  
CITAR - CENTRO DE INVESTIGAÇÃO  
EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA DAS ARTES



PORTO

**FCT**

Fundação para a Ciência e a Tecnologia

## FICHA TÉCNICA

### TÍTULO

II CONGRESSO “O PORTO ROMÂNTICO” - ACTAS

### COORDENAÇÃO

Gonçalo de Vasconcelos e Sousa

### DESIGN GRÁFICO + E-PAGINAÇÃO

Carlos Gonçalves

### EDIÇÃO

CITAR  
Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes  
Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa

### ISBN

978-989-8497-07-9

### LOCAL DE EDIÇÃO

Porto

### DATA

Junho de 2016



# DE “BEBIDA ESTRANHA” A “BEBIDA DA MODA”: CONSUMOS E REPRESENTAÇÕES DA CERVEJA NO PORTO ROMÂNTICO

**Gaspar Martins Pereira<sup>1</sup>**

## **Introdução**

Numa época de profundas transformações políticas, sociais e económicas, o espírito romântico, que envolveu boa parte de Oitocentos, traduziu-se também em mudanças de hábitos, comportamentos e sensibilidades, na construção de novas formas de sociabilidade e de relação, de espaços, tempos e gestos dos quotidianos, quer públicos quer privados. Nesta breve comunicação, servindo-me, essencialmente, de representações literárias da época, em especial de Almeida Garrett, Camilo Castelo Branco, Júlio Dinis, Ramalho Ortigão e Eça de Queirós, tentarei destacar a expansão do consumo de cerveja na cidade do Porto, ao longo do século XIX.

Considerada, inicialmente, uma “bebida estranha” aos hábitos dos portuenses, a cerveja era apenas consumida por estrangeiros residentes na cidade, em particular da comunidade britânica. Os “tripeiros”, por gosto, tradição e negócio, preferiam os muitos e bons ou maus vinhos do Minho ou do Douro, que aqui afluíam e aqui se comercializavam. Mas, no Porto romântico, a cerveja tornar-se-ia, gradualmente, uma “bebida da moda”, com um consumo crescente entre os círculos da juventude boémia, mais receptivos às novidades. Se é verdade que as representações literárias da época nos transmitem imagens contrastantes, ora de relutância e de resistência à “bebida de hereges” e anti-nacional, ora de anglomania e de imitação de costumes estrangeiros considerados superiores, essas e outras fontes (imprensa periódica, inquéritos e relatórios oficiais, etc.) revelam um progressivo consumo de cerveja na cidade do Porto que, apesar de ainda limitado face ao mais popular e alargado consumo do vinho, assumiria um papel significativo nos espaços de sociabilidade portuense mais frequentados pela juventude, desde os botequins e cafés até às emergentes cervejarias (Guichard, Camanho, Águia de Ouro, etc.), onde o “bock” se tornou bebida corrente, a par de novas formas de convivialidade, traduzidas por “cervejar” na prosa de Eça.

## **A relutância à “bebida de hereges”**

Centro vital do comércio dos vinhos do Minho e do Douro, era natural que os portuenses dispensassem até bastante tarde o consumo de cerveja. Mas a fixação na cidade, desde o século XVII, de muitos

---

<sup>1</sup> Professor catedrático do Departamento de História e de Estudos Políticos e Internacionais da FLUP. Investigador do CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço & Memória”.

negociantes ingleses, flamengos e hamburgueses, mais habituados a essa bebida, terá justificado a importação de pequenas quantidades, de forma legal ou por contrabando<sup>2</sup>. Ainda nas primeiras décadas do século XIX, o consumo de cerveja na cidade do Porto estaria circunscrito quase exclusivamente aos residentes estrangeiros, sobretudo aos ingleses. Em Junho de 1819, no ambiente anglóphobo que então se vivia, o jovem Almeida Garrett compôs um dos seus célebres poemas, invectivando os “opressores” britânicos, grandes bebedores de cerveja e vinho do Porto:

*“[...] Opressora da Lusa liberdade,  
Esta canalha d’Albion soberbo  
Aqui fixou seu trono.  
De botelhas coroadas, e d’olhos, boca,  
Das orelhas, nariz e d’outras partes  
Esquichando cerveja, n’uma glória  
De espesso nevoeiro,  
Pousou seu génio bruto em nossos muros;  
C’o nacional God-damn, e o frasco a pino,  
Nos bebe o vinho, nos esbulha as bolsas,  
Dá-nos em troco os sestros,  
Dá-nos as manhas, os costumes feros,  
As ridículas modas. [...]”<sup>3</sup>.*

Garrett exagerava no “cliché” do inglês, bebedor incorrigível. E, se muitos aderiam à moda, por imitação dos estrangeiros, outros recusavam-na por ser “bebida de hereges” e muito inferior aos vinhos portugueses, como captou Garrett na sua comédia *As Profecias do Bandarra*, escrita em 1845, situando a cena numa zona popular de Lisboa e fazendo contrastar a atitude do boticário Pantaleão, de abertura às novidades, com a repugnância do sapateiro Tomé Crispim:

*“Pantaleão, tomando uma garrafa das mãos de Lázaro e dando a beber a Tomé  
– Bebe, bebe, homem, que é cerveja preta.  
Tomé – Cerveja! Bebida de hereges, que a bebam eles os excomungados. Abrenúncio! Daquele  
bálsamo de ontem, sr. Pantaleão, aquilo sim!  
Pantaleão – Chegue já um de vocês a casa, e traga uma garrafa do meu Porto velho”<sup>4</sup>.*

<sup>2</sup> Veja-se, por exemplo, FERREIRA, J. A. Pinto – *Visitas de saúde às embarcações entradas na Barra do Douro nos séculos XVI e XVII*. Porto: Gabinete de História da Cidade, 1977, pp. 108-109 e 130-131. Refira-se que a importação de cerveja foi proibida entre 1710 e 1810, o que suscitou, nesse período, a entrada de algumas quantidades por contrabando. Entre as diversas mercadorias entradas por contrabando e apreendidas pelos fiscais da Alfândega do Porto, entre 1788 e 1791, contavam-se 10 almudes de cerveja (cerca de 250 litros). Cf. SILVA, Francisco Ribeiro da – *A apreensão de mercadorias proibidas nos finais de Setecentos*. Um exemplo. *Revista da Faculdade de Letras: História*. Porto: Faculdade de Letras Universidade do Porto, pp. 555-561. Em 1820, só entre Janeiro e Março e apenas provenientes de Bristol, o Porto recebia dois barris e trezentas dúzias de garrafas de cerveja. *Correio Braziliense*, vol. XXV, nº 146, Jul. 1820, pp. 35-36. Não era muito, mas deveria chegar e sobrar para os consumidores da bebida, sobretudo ingleses.

<sup>3</sup> GARRETT, Almeida – *Lírica*. 2ª ed. Lisboa: Viúva Bertrand & Filhos, 1853, p. 123.

<sup>4</sup> GARRETT, Almeida – *As profecias do Bandarra*. In GARRETT, Almeida – *Obras completas de Almeida Garrett*. Lisboa: Empresa da História de Portugal, 1904, vol. 1, p. 734.

O mesmo estereótipo pode encontrar-se, ao longo do século XIX, tanto em textos dos escritores mais conceituados como nos dos menos conhecidos, quase sempre no mesmo tom nacionalista e anglóphobo. Leia-se, por exemplo, a expressiva descrição feita por Júlio Dinis, em *Uma Família Inglesa*, de Richard Whitestone, um dos “mais fleumáticos e genuinamente ingleses” que habitavam no Porto desse tempo:

*“A mesma indiferença, a mesma, senão absoluta impassibilidade, estabilidade de razão pelo menos, com que, uns após outros esvaziava copos de cerveja e cálices de Porto e Madeira, de rum, de conhaque, de kummel, de ginger beer, e até de absinto, libações que a qualquer pessoa menos inglesmente organizada ameaçariam, em pouco tempo, com as mais pavorosas consequências de um completo alcoolismo”<sup>5</sup>.*

Em contrapartida, no jantar carnavalesco de “oito horas”, no Águia de Ouro, ao grupo de jovens amigos de Charles Whitestone, Júlio Dinis serve apenas vinhos, individualizando um ou outro, como um malvasia ou um Xerez, mas nada de cerveja. E, quando os jovens saíram para a Praça da Batalha a caminho do Teatro de S. João, um deles, aspirante a poeta, versejou um hino ao tabaco, bem revelador do desprezo pela britânica cerveja:

*“Cerveja britânica,  
De furor espuma!  
De coisa nenhuma  
me podes servir.  
Quando oiço do lúpulo  
Gabarem proezas,  
Às bocas inglesas,  
Desato-me a rir”<sup>6</sup>.*

### **A moda de beber cerveja: do sacrifício à naturalização da bebida estrangeira**

O certo é que, ainda na primeira metade do século XIX, a produção de cerveja se implantava em Portugal, mais rapidamente em Lisboa do que no Porto. O consumo limitava-se a estas duas cidades e ao Funchal, onde era também significativa a comunidade inglesa e onde também se instalaram unidades cervejeiras<sup>7</sup>. Fora dessas cidades, praticamente ninguém bebia cerveja. Como escreveu Forrester em meados do século: “No interior a cerveja é desconhecida, bebendo o lavrador o vinho local”<sup>8</sup>.

Se é verdade que o gosto da cerveja, mais vulgarizado entre os estrangeiros, tardou a cativar a maior parte da população, não é menos verdade que, em Lisboa e no Porto, sobretudo entre os jovens das elites, se podiam observar tentativas de imitação e de incorporação dos hábitos estranhos. Um viajante britânico que escreveu sobre os hábitos portugueses, em 1826, realçou o sacrifício a que se

<sup>5</sup> DINIS, Júlio – *Uma família inglesa. Cenas da vida do Porto*. [1ª ed. 1868]. 3ª ed. Porto: Cruz Coutinho, 1875, p. 7.

<sup>6</sup> IDEM, *Ibidem*, p. 38.

<sup>7</sup> As primeiras fábricas de cerveja da Madeira terão surgido por volta de 1840, por iniciativa de estrangeiros, nomeadamente John Park, estabelecido na Camacha nesse ano, e Diogo Guilherme Cave, com uma fábrica no Funchal em 1844. Cf. RIBEIRO, João Adriano – *125 anos de cerveja na Madeira*. Funchal: Empresa de Cervejas da Madeira, 1996, p. 11.

<sup>8</sup> FORRESTER, Joseph James – *The Oliveira Prize – Essay on Portugal*. Londres: John Weale, 1853, p. 64.



submetiam os jovens lisboetas que tentavam adaptar o seu paladar à moda de beber cerveja, que se teria divulgado na capital depois da Guerra Peninsular:

*“O uso de qualquer bebida leve, como cerveja ou cidra, é desconhecido. Se um Português entra numa loja de Bebidas para saciar a sede, pede uma limonada ou um copo de capilar, o primeiro dos quais têm um jeito especial para preparar bem, que, segundo creio, é atribuível à mistura de capilar em vez de açúcar. Muitos indivíduos têm, no entanto, tentado, com algum sucesso, a abertura de lojas para venda de cerveja engarrafada em algumas das principais ruas da metrópole, onde os estrangeiros, sobretudo alemães, são constantemente vistos a jogar damas, xadrez ou gamão, a fumar cigarros e a beber cerveja. Esta maneira de passar um momento de lazer tornou-se quase uma moda em Lisboa, imediatamente depois da guerra. Mas é difícil de submeter o paladar, embora possamos estar dispostos a fazê-lo para seguir a moda; e tenho observado frequentemente um grupo de jovens naturais de Lisboa sentarem-se com grande coragem para consumirem cerveja em garrafa e cigarros, esforçando-se por engolir as libações sem exhibir no rosto a repugnância que a bebida provoca aos seus gostos. Tais são os dolorosos sacrifícios da loucura da moda!”<sup>9</sup>.*

Por estranha e repugnante que fosse ao paladar nacional, a cerveja foi conquistando um número crescente de adeptos. Uma década mais tarde, já se divulgavam receitas para fazer cerveja caseira, como se lê no jornal *O Panorama*<sup>10</sup>.

A relutância em aderir aos hábitos estrangeiros contrapunha-se à atitude inversa, tão ou mais forte, de sobrevalorizar tudo o que chegava de fora. Na sociedade oitocentista, cruzavam-se tendências contraditórias, anglóforas e anglófilas. Em 1876, num dos textos que escreveu para *As Farpas*, dirigindo-se a *John Bull*, Ramalho Ortigão ironizava contra a substituição dos hábitos tradicionais pelas modas “à inglesa”, incluindo o consumo de cerveja:

*“Nós governamo-nos à inglesa, vestimo-nos à inglesa, alimentamo-nos à inglesa. Mandamos vir de casa de Poole as nossas toilettes. Atestamo-nos de chá e de Pale Ale. Lançamo-nos no sport, no turf. Sacrificamos à anglomania interesses valiosos. [...] Em vez de nos refrigerarmos com as saudáveis bebidas clássicas de nossos pais, a limonada e a sangria, amodorrámos os nossos temperamentos com má cerveja inglesa, que nos desenvolve excessivamente a bÍlis, que nos dá dispepsias e hepatites, e, enquanto nos não ataca algum órgão essencial à vida, nos embrutece lentamente, tornando-nos a língua grossa e o cérebro espesso”<sup>11</sup>.*

A invectiva de Ramalho contra a cerveja só se compreende pela rápida progressão do consumo da bebida, que já se tornara natural ao paladar de muitos portugueses. De resto, é o mesmo Ramalho que recorda uma noite de batota na Foz, nos seus tempos de juventude, nos anos sessenta, numa “espelunca” improvisada “no lindo cottage do Mallen, na Praia dos Ingleses, com um terraço sobre o mar e a entrada pela rua da Senhora da Luz”. Quando todos abandonaram a sala, já ao romper do dia, os vestígios eram indisfarçáveis:

<sup>9</sup> A.P.D.G. – *Sketches of Portuguese life, manners, costume and character*. Londres: G. B. Whittaker, 1826, pp. 345-346.

<sup>10</sup> *O Panorama. Jornal Literário e Instrutivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis*. Lisboa: Tip. da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, vol. I, 05.08.1837, p. 112. Veja-se, também, LÚCIO, João Baptista – *Pequena coleção de verdadeiras receitas, para fabricar... cerveja branca, e preta, cidra...*. Lisboa: Tip. Cezariana, 1847.

<sup>11</sup> ORTIGÃO, Ramalho; QUEIRÓS, Eça de – *As Farpas: crónica mensal da política, das letras e dos costumes*. Nova série, tomo 4. Lisboa: Tipografia Universal, Abril de 1876, pp. 5-6.

*“Na sala esvaziada de gente oscilava ainda, esfarrapado, o arquente da noitada, impregnado do fumo do tabaco e dos cheiros acres do suor e da cerveja azedada no fundo dos copos dispersos no balcão do buffete”<sup>12</sup>.*

Também na prosa de Camilo Castelo Branco podemos encontrar, desde os anos cinquenta, diversas representações do consumo da cerveja. Como em *Duas horas de Leitura*, na cena em que Camilo e o seu companheiro de viagem param na estalagem da Mariquinhas, para darem descanso aos cavalos e matarem a sede:

*“Nestas gravíssimas reflexões, chegámos à Carriça, e apeámos. A primeira pessoa que vimos foi a Mariquinhas, merendando, salvo erro, uma lourejante posta de pescada fritada em ovos. [...] Enquanto libávamos algumas botijas de cerveja, deliciámos o espírito com as argúcias de Mariquinhas...”<sup>13</sup>.*

É certo que, na prosa camiliana, podemos encontrar igualmente atitudes de resistência à cerveja. Por exemplo, na novela *O Cego de Landim*, de 1877, Camilo criticava a mudança de hábitos na juventude, com a crescente frequência dos “cafés” e o consumo imoderado de cerveja:

*“[...] há dezassete anos, o progresso material desconhecia a precisão dos ‘cafés’, paragens duns ociosos que se putrificam, raça amolentada no sibaritismo da cerveja de quartola, com grandes orgias de cigarros de Xabregas”<sup>14</sup>.*

Ou, ainda, as referências sarcásticas do romancista à Hospedaria da Águia de Ouro, com cervejaria no rés-do-chão, onde os poetas discutiam até de madrugada:

*“Debaixo do meu quarto, até ao romper da alva, fizeram-se orgias baratas de cerveja da pipa. Poetas bêbados diziam sonetos elegíacos, e votavam, esmurraçando as bancas, por Victor Hugo contra Zola [...]. Depois, fecharam-se as portas da brasserie estrondosamente, pondo terramotos na velha estalagem; e os poetas, no Largo da Batalha, muito desequilibrados em curvetas, saudavam com ziguezagues e gestos largos a Aurora, vociferando estrofes do Firmamento de Soares de Passos e golfos de cerveja aziuada. Eu andava então passeando no meu quarto entre os fantasmas dos meus amigos mortos, e perguntava à Providência inventora porque fizera o percevejo acrobata e o poeta abeberado nos ideais da cerveja da pipa”<sup>15</sup>.*

Camilo tinha as suas razões para condenar o uso imoderado da cerveja nas estúrdias da juventude boémia. O seu filho Jorge acumulava a infelicidade da demência com bebedeiras de cerveja, como se lê numa carta do romancista para o seu amigo Carlos Ramiro Coutinho (Visconde de Ouguela):

<sup>12</sup> QUEIRÓS, Eça de; ORTIGÃO, Ramalho – *As Farpas: crónica mensal da política, das letras e dos costumes*. 4ª série, nº 2. Lisboa: Empresa Literária Luso-Brasileira, Novembro-Dezembro de 1882, pp. 41-45.

<sup>13</sup> BRANCO, Camilo Castelo – *Duas horas de leitura*. [1ª ed. 1857]. In BRANCO, Camilo Castelo – *Obras Completas*. vol. XI. Porto: Lello & Irmão, 1990, pp. 317-318.

<sup>14</sup> BRANCO, Camilo Castelo – *Novelas do Minho*. [1ª ed. 1877]. In BRANCO, Camilo Castelo – *Obras Completas*. vol. VIII. Porto: Lello & Irmão, 1988, pp. 113-114.

<sup>15</sup> BRANCO, Camilo Castelo – *Boémia do espírito*. [1ª ed. 1886]. In BRANCO, Camilo Castelo – *Obras Completas*. vol. XVI. Porto: Lello & Irmão, 1993, pp. 15-16.

*“Enquanto ele estiver sossegado em Famalicão, deixo-o estar. Fora deste meio é outro homem. O pior é a dipsomania — embebedar-se com cerveja. Duas demências”*<sup>16</sup>.

Ao longo do século XIX, apesar de se manter a forte tradição vinícola, a cerveja afirmou-se, gradualmente e de forma irreversível, nos consumos dos portugueses. As sociabilidades urbanas, tanto das elites intelectuais e políticas como das juventudes académicas e, por imitação, de outros estratos, associavam-se, frequentemente, às tertúlias e grupos que faziam dos cafés e das cervejarias pontos de encontro privilegiados. O movimento era maior em Lisboa e, claro, o correspondente consumo. Na prosa do mais cosmopolita dos escritores portugueses da época, Eça de Queirós, surgem-nos frequentes referências à cerveja<sup>17</sup>, normalmente ligadas à sociabilidade urbana, nos locais públicos, como os cafés ou as cervejarias. Por exemplo, em Setembro de 1871, em *As Farpas*, Eça parodiava sobre a vida dos literatos da capital:

*“Assim as sólidas e incontestáveis reputações sobre a capacidade de espírito fazem-se nos botequins. A imortalidade — do Loreto ao Rossio — repousa entre as dez horas e a meia-noite num banho de cerveja de pipa”*<sup>18</sup>.

Não seria muito diferente o que se passava no Porto, certamente em menor escala. O mesmo Eça ironizava sobre o combate ao jesuitismo dos intelectuais portuenses:

*“Ora o jesuíta é um bom inimigo, que não desarranja os hábitos da digestão, a quem se dá batalha, conversando à porta do Moré ou em volta de um bock na Águia de Ouro”*<sup>19</sup>.

Ou aquele angustiado José Matias, que Eça descreve nos *Contos*:

*“Nesse Agosto o encontrei eu instalado fundamentalmente no Hotel Francfort, onde entretinha a melancolia dos dias aborrecidos, fumando (porque voltara ao tabaco), lendo romances de Júlio Verne, e bebendo cerveja gelada até que a tarde refrescava e ele se vestia, se perfumava, se floria para jantar na Foz”*<sup>20</sup>.

Ou, ainda, a mocidade portuense que voltara aos cafés, após o fracasso da Liga Patriótica do Norte, em 1890:

*“[...] a mocidade que fora arrancar Antero à metafísica, regressara, cansada desse esforço, às banquetas e aos bocks dos cafés da Praça Nova”*<sup>21</sup>.

<sup>16</sup> Agradeço a informação e a referência ao Dr. José Manuel Oliveira, Director da Casa-Museu Camilo Castelo Branco.

<sup>17</sup> Na sua minuciosa pesquisa sobre as bebidas alcoólicas na obra de Eça de Queirós, Dário Castro Alves apresenta nada menos do que 87 citações incluindo os termos *beer*, *bock*, *porter* e *pale ale*. Cf. ALVES, Dário Moreira de Castro – *Era Porto e entardecia. De absinto a zurrapa. Dicionário de vinhos e bebidas alcoólicas em geral na obra de Eça de Queiroz*. Lisboa: Pandora, 1994, p. 72.

<sup>18</sup> ORTIGÃO, Ramalho; QUEIRÓS, Eça de – *As Farpas: crónica mensal da política, das letras e dos costumes*. Tipografia Universal, Setembro de 1871, p. 19.

<sup>19</sup> IDEM, *Ibidem*, Julho-Agosto de 1872, p. 54.

<sup>20</sup> QUEIRÓS, Eça de – José Matias. In *Contos*. Apud ALVES, Dário Moreira de Castro – *Op. cit.*, p. 81.

<sup>21</sup> QUEIRÓS, Eça de – Um génio que era um santo. In *Antero de Quental. In Memoriam*. Porto: Mathieu Lugan Editor, 1896, p. 514.



Na prosa de Eça, encontra-se não só um bom número de referências ao consumo de cerveja mas também uma nova designação verbal para esse consumo, “cervejar”. Por exemplo, em *Os Maias*, referindo-se ao primeiro encontro de Ega e Raquel:

*“Conhecera-a na Foz, na Assembleia; nessa noite, cervejando com os rapazes, ainda lhe chamou camélia melada”*<sup>22</sup>.

### **Da cerveja importada à cerveja nacional**

A expansão do consumo da cerveja no Porto romântico, em especial a partir de meados de Oitocentos, provocou um crescente dinamismo da indústria cervejeira local, multiplicando-se os pedidos de alvarás para a instalação de novas unidades, que contribuíram para a substituição gradual da cerveja importada (sobretudo, inglesa e alemã) por cerveja de produção nacional.

Se as primeiras experiências industriais deste sector, como a Fábrica de Cerveja Portuense<sup>23</sup>, de 1836, parecem ter sido efémeras, outras unidades que se instalaram depois seriam mais duradouras. Em 1861, existiriam já, pelo menos, treze fábricas de cerveja nos concelhos do Porto e Gaia<sup>24</sup>, embora se tratasse, na maior parte dos casos, de pequenas unidades artesanais, correspondendo a consumos ainda bastante reduzidos. Como referia o deputado do Porto Faria Guimarães, em 1860:

*“Estas fábricas [de cerveja] fazem entre nós poucos interesses, porque o nosso povo prefere o vinho à cerveja, e mesmo o verde, quando o há, é melhor do que ela; mas se for maduro não se estima menos. A cerveja apenas se gasta entre nós em alguns meses do verão, e nesses mesmos em pequena quantidade”*<sup>25</sup>.

Mas a tendência crescente de expansão dos consumos estimulou a instalação de unidades maiores e mais bem apetrechadas, como a “Fábrica de Cerveja da Baviera”, de Jansen & C<sup>a</sup>, que se associou a Agostinho Moreira dos Santos, na Rua da Piedade, desde 1863, e que construiu, na década seguinte, uma nova fábrica na Rua do Melo, inaugurada em 1876. Ou a modernização, desde 1884, da velha fábrica da Piedade pelo alemão Maximiano Schreck, que dispunha também de uma afamada cervejaria na Rua do Laranjal, anunciando, além da “*cerveja nacional*”, “*cerveja alemã branca e preta, a qual rivalizando com a estrangeira custa pouco mais do que metade do preço*”<sup>26</sup>.

Num mercado em expansão, a concorrência das cervejeiras portuenses através de uma rede de distribuição dominada por depositários (armazenistas), que impunham preços e condições que limitavam as margens de lucro dos industriais, conduziria, nos anos oitenta, a estratégias de cartelização do sector. Esse movimento de concentração dos industriais cervejeiros do Porto culminaria na

<sup>22</sup> QUEIRÓS, Eça de – *Os Maias*. Apud ALVES, Dário Moreira de Castro – *Op. cit.*, p. 90.

<sup>23</sup> *Periódico dos Pobres no Porto*, Porto, nº 170, 20.07.1836.

<sup>24</sup> CORDEIRO, José Manuel Lopes – *A indústria portuense no século XIX*. vol. 1. Braga: Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, 2006, p. 297; *Almanaque comercial, fabril, judicial, administrativo, eclesiástico e militar do Porto e seu Distrito para 1860*. Porto: Tip. de J. L. de Sousa, 1859. Sobre as fábricas de cerveja de Gaia, veja-se também GUIMARÃES, Gonçalves – *Memória histórica dos antigos comerciantes e industriais de Vila Nova de Gaia*. [Vila Nova de Gaia]: Associação Comercial e Industrial de Vila Nova de Gaia, 1997, pp. 70 e 136.

<sup>25</sup> Sessão de 9 de Junho de 1860. *Diário da Câmara dos Deputados*, nº 9. Lisboa: Imprensa Nacional, 1860, p. 151.

<sup>26</sup> *Almanaque do Porto e seu Distrito para 1886*. Porto: Imprensa Popular de J. L. de Sousa, 1885, p. 178.

criação da CUFP – Companhia União Fabril Portuense das Fábricas de Cerveja e Bebidas Refrigerantes (antepassada da actual Unicer), em 7 de Março de 1890, reunindo capacidades financeiras e técnicas para desenvolver a produção industrial e controlar o mercado portuense e nortenho. No ambiente anglóphobo que se vivia então na cidade, na sequência do *Ultimatum* inglês de 11 de Janeiro, vale a pena destacar que a primeira marca de cerveja lançada pela nova empresa foi a “Serpa Pinto”, numa clara afirmação nacionalista e nacionalizadora da bebida que muitos continuavam a considerar anti-nacional.